

CULTURA ESCOLAR E ENSINO DE HISTÓRIA: USOS DAS MEMÓRIAS NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BELO/JACOBINA-BA

Daniela Nunes Silva Vieira¹

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo investigar a cultura escolar e o ensino de história através dos usos da memória, possibilitando conhecer o fazer cotidiano dos professores e alunos da Escola Municipal João Belo, do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. Características do ambiente, normas institucionais e espaço escolar foram percebidos como elementos da cultura escolar, permitindo uma melhor compreensão da cultura do ensino de história na referida unidade escolar.

Através da análise de fontes orais, escritas e iconográficas, bem como de rodas de conversa, observamos como a memória tem sido usada na referida escola que está localizada no município de Jacobina-BA. Esse estudo que ora apresentamos se configura como um estudo de caso voltado para questões intrínsecas e particulares de uma determinada escola e seu cotidiano. O jeito particular com que os sujeitos pesquisados fazem uso de suas memórias dentro do espaço escolar, em específico nas aulas de história.

Entendemos a memória, tanto individual quanto coletiva, enquanto elemento que contribui para a construção da identidade institucional, pessoal e local. Os sujeitos da pesquisa foram os professores e alunos da Escola Municipal João Belo. Realizamos uma pesquisa qualitativa, de tipo exploratório, que teve como categorias de análise a cultura escolar, a memória e o ensino de história. Utilizamos como referências teóricas básicas: Nora (1993), Certeau (1982, 1994), Pollack (1992), Halbwachs (2004), Hall (2006), Fenelon (1987), Fonseca (2003, 2009), Guimarães (2003), Silva (2007), Zamboni (1993), Julia (1995) e Forquim (1989).

Nos resultados da pesquisa empírica verificamos uma cultura de solidariedade na escola e que se reflete em ações dentro da instituição. Por sua vez, na análise do espaço e do cotidiano escolar percebemos que a escola apresenta um espaço de convivência limitado, dificultando o lazer e os momentos coletivos, o que impacta diretamente na qualidade da educação.

Observamos, também, que o ensino de história dá pouca prioridade à história local, com uma maior ênfase a um ensino voltado para o nacionalismo, o que contribui para uma ausência de contextualização do ensino de História para os discentes da instituição. Nossa ação interventiva foi a construção coletiva de um projeto de centro de memória para a Escola João Belo, que deverá colaborar para uma melhor qualidade do ensino de história e ser um lugar de memória, onde se possa estabelecer uma relação de identidade e de pertencimento para os docentes e para os discentes.

¹ Mestre pelo Curso de Mestrado em Educação e Diversidade da Universidade Estadual - BA, danielansvv@hotmail.com.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se iniciou com uma pergunta: Como está sendo usada a memória na Escola Municipal João Belo enquanto elemento constitutivo da cultura escolar durante as aulas de história? Essa pergunta engloba três categorias teóricas de estudo: memória, cultura escolar e ensino de história. Sendo assim, precisaríamos de uma estratégia de pesquisa para descobrir como essas categorias se relacionam na escola João Belo para então entender como a memória está sendo gestada na sua cultura escolar e de uma maneira específica nas aulas de história.

É claro que cultura escolar e memória não se constroem apenas nas aulas de história, esse foi um dos primeiros desafios. Inicialmente achávamos que a resposta para essa pergunta estaria dentro da sala de aula e durante as aulas de história, mas chegando ao campo de pesquisa percebemos que memória e cultura escolar são coisas amplas e se constroem em todo o cotidiano do espaço da escola.

Inicialmente, já tínhamos conhecimento da rotina da escola, entretanto foi necessário reeducar olhos automatizados, acostumados a ver todos os dias as mesmas coisas e achar que eles eram iguais, e que nada diferente acontecia. A partir do momento em que a pesquisa começou, o local de trabalho se transformou em lugar de pesquisa para estudar o caso da escola João Belo.

Estudos de caso, até então não eram muito comuns na área de educação. Inicialmente, esse tipo de pesquisa era bastante realizado nas áreas da saúde, sociologia e antropologia, por ser um tipo de estudo mais isolado que busca características típicas de um lócus específico. Um estudo aprofundado de um determinado objeto de pesquisa.

No campo educacional, o estudo de caso surge nas décadas de 60 e 70 do século XX com o intuito de descrever algum elemento escolar, seja os alunos, os docentes ou o próprio espaço escolar. Esses tipos de estudos são pontuais e utilizam porções reduzidas da realidade. É uma forma particular de estudo, com uma experiência de pesquisa bem mais contextualizada. Esses tipos de estudos são pontuais e utilizam porções reduzidas da realidade. É uma forma particular de estudo, com uma experiência de pesquisa bem mais contextualizada. Esses tipos de estudos são pontuais e utilizam porções reduzidas da realidade.

DESENVOLVIMENTO

Quando propomos nos debruçar sobre os usos da memória dentro do universo escolar nosso objetivo foi analisar os significados que a memória tem entre os sujeitos da pesquisa, como elas são produzidas e preservadas, quem as estão produzindo, em que circunstâncias e como os sujeitos se expressam dentro de uma rede social construída dentro da escola, que se configura enquanto campo de poder e disputas.

Muitas memórias são propagadas na escola, principalmente nas aulas de história. Durante essas aulas tomamos conhecimento de algumas memórias, que foram selecionadas para serem apresentadas dentro daquele componente curricular, muitas vezes elas não fazem o menor sentido para o aluno e nem para a comunidade ao qual aquela escola está inserida.

Encontramos pesquisadores que se debruçam sobre essas questões e alguns deles foram importantes na construção deste nosso trabalho, como Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009), Selva Guimarães (2014), Patrícia Bastos de Azevedo (2010), Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (2007), Susana Barbosa Ribeiro Bernardo (2007), Marcos Silva (2013), Carlos Augusto Lima Ferreira (2016), Dominique Júlia (1995), Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2011) e Jean-Claude Forquin (1989), os quais contribuem para pensar cultura escolar no contexto do ensino de história.

Atualmente, conhecemos os debates cravados em relação à escola e ao ensino de história no Brasil, especialmente em um momento de crise política ao qual vivemos hoje. Estamos passando por tempos temerosos com a insegurança política a nos assombrar e voltar o olhar para a educação nesse momento é de fundamental importância para refletirmos sobre o tipo de escola que temos e o modelo de escola que queremos. E toda essa instabilidade política reflete em mudanças que estão sendo feitas, principalmente no ensino de história.

Quando a disciplina história começou a ser ministrada no Brasil, no período regencial, os primeiros livros didáticos já traziam ideais de nacionalismo e patriotismo, com o objetivo de criar uma identidade brasileira nos cidadãos do Brasil. Esse ideário perdurou por muito tempo até meados do século XX. Até o fim do período da ditadura militar essa disciplina esteve muito influenciada pela pedagogia tradicional, tínhamos biografias heroicas, narrativas de fatos políticos e a tentativa de manter uma ordem social buscando um senso comum ligado a um sentimento nacionalista. A história era contada de maneira linear numa sucessão de ações e reações em cadeia, cabia ao professor apenas reproduzir os conteúdos de forma acrítica.

Acreditamos que a influência desse período ainda permanece bastante presente nas salas de aulas brasileiras da atualidade. Através dos resultados da nossa pesquisa podemos perceber resquícios desse período atrelado a mudanças também percebidas sob as mudanças curriculares do período da redemocratização brasileira dos anos 80, a exemplo do estudo do cotidiano, uma das temáticas apontadas pelo movimento da Nova História, corrente historiográfica francesa.

Para tanto, buscamos através de dispositivos de pesquisas como: observações, rodas de conversas e análise de fontes, explorar, construir dados e fazer a análise sistemática dos mesmos para apresentação dos resultados da pesquisa. E por fim, elaborar coletivamente um Projeto de Centro de Memória Escolar, que é o grande legado que se pretende deixar na Escola Municipal João Belo.

No intuito de colaborar com ações que estimulem o professor da escola básica a agir como pesquisador, construir materiais próprios de ensino e buscar descentralizar o saber histórico em produção para uma melhor valorização da cultura escolar. Algumas dessas iniciativas já tentavam ser implantadas e gestadas no Brasil pelos professores Marcos Silva (2013) e Déa Fenelon (1989), dentre outros, desde a década de 80.

Atualmente, os debates sobre ensino de história vêm ganhando fôlego nos eventos em nível nacional, como os Encontros Nacionais dos Pesquisadores do Ensino de História, as Perspectivas do Ensino de História e os encontros da ANPUH, o que fortalece discussões na presente temática aqui estudada. Pensando o ensino da história para além do aspecto disciplinar e escolar, e dialogar com questões culturais sócio antropológicas. Seguindo essa

tendência procuramos nessa pesquisa através do nosso objetivo geral dialogar com os campos da cultura escolar, da memória e do ensino de história.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada teve uma natureza aplicada que buscou investigar os usos das memórias no fazer cotidiano da escola municipal João Belo. Sua finalidade foi tentar compreender como as memórias são utilizadas no dia-a-dia da escola, produzindo assim um estudo que sirva de base para uma reflexão do uso e importância dessa temática naquela instituição, contemplando os objetivos desse tipo de pesquisa.

Outro desafio desse tipo de pesquisa qualitativa é a subjetividade. Nessa pesquisa não perdemos de vista a dinâmica de que sujeitos e pesquisador fazem parte da construção da pesquisa e de um processo dialógico, onde o ponto de vista de ambos são levados em consideração. Pesquisas que levam em consideração a subjetividade dos seus participantes por muito tempo foram questionadas pelo campo científico. A falta de objetividade, o pouco rigor metodológico e o pouco embasamento em teorias fizeram com que as pesquisas qualitativas perdessem o prestígio em meio acadêmicos. Todas essas críticas levaram os estudiosos a melhorar e repensar alguns métodos das pesquisas qualitativas, procurando desenvolver estudos que aprimorassem e validassem as pesquisas.

Tentamos na pesquisa realizada explorar a realidade da escola, por meio de observações, associadas à análise de fontes escritas e rodas de conversa, feitas através da técnica da história oral com os alunos, para compreender como se constroem e quais os usos que as memórias têm no espaço escolar, seu uso social e seus significados.

A observação é um instrumento de pesquisa bastante utilizado em pesquisa com estudos de caso. Pois, observar o cotidiano do lócus de pesquisa é importante para o pesquisador compreender melhor a dinâmica do lugar. Durante os meses de novembro e dezembro de 2016 foram observados 10 dias letivos na escola João Belo, 10 dias alternados e em todos eles observadas também aulas de história. Esses momentos não foram gravados, mas descritos em uma espécie de diário de bordo onde o pesquisador anota suas impressões mediante o seu olhar.

Juntamente com as observações, numa tentativa de uma aproximação maior com o campo de investigação, exploramos fontes escritas que se encontram na escola, documentos produzidos pelos agentes que atuam nessa instituição. Nos diários escolares tentamos perceber o registro dos professores em relação ao conteúdo da disciplina de história, sua regularidade, quantidade e quais conteúdos eram abordados pelos professores em anos letivos diferentes. E nos documentos oficiais observamos esse ensino no município e sua efetiva aplicabilidade na escola pesquisada. Esse tipo de investigação foi realizada para atender a dois objetivos específicos da pesquisa: 1) perceber como tem sido instituído o tema memória nos documentos oficiais que regem o ensino de história da respectiva unidade escolar e 2) analisar documentação produzida por professores e gestão escolar acerca de conteúdos da disciplina de história ao longo dos anos.

Através dos resultados das investigações que foram feitas nessa escola, perceberemos características importantes do uso da memória, que tanto podem servir para estudos

posteriores em outras instituições como poderá contribuir de forma significativa para o trato da memória na escola investigada.

A pesquisa exigiu do pesquisador uma postura ética e rigorosa frente a sua realidade de estudo, necessitando treinar o olhar para observar elementos importantes. Pois além de toda uma preparação do material físico, a observação exige um preparo intelectual e psicológico do investigador, ainda mais quando o *locus* da pesquisa já é de conhecimento do pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incitações pessoais nos levaram a percorrer caminhos sinuosos que nos levaram a descobertas interessantes. Educar o olhar para perceber relações entre as pessoas e essa instituição, compreender os laços solidários, as afinidades e ligações que vão para além dos muros da escola entre pais de alunos, discentes e funcionários, foi importante para percebermos o afeto, a ajuda mútua que permeia esse ambiente e que torna as lutas diárias menos pesadas. Não dá para trabalhar sozinho na educação, é preciso instituir parcerias, fazer amigos, trocar experiências e muitas dessas características foram encontradas na escola João Belo e esse perfil ajuda a convivência no ambiente escolar.

Fator fundamental nessa relação é a participação da comunidade local, em vários momentos da pesquisa percebemos que existe essa ajuda entre escola e comunidade, o fato da escola e a comunidade se encontrarem em certa medida distantes do centro da cidade, fez com que se criasse uma rede colaborativa entre esses pares. É claro que em determinados momentos essa relação passa por entraves e contratempos, mas percebemos em vários momentos essa relação dando certo.

Trabalhamos com rodas de conversa com alunos para saber suas impressões sobre a escola e o ensino de história, as quais foi uma maneira que encontramos de compreender suas memórias. Observamos a limitação do espaço de lazer dos discentes, que cria vários entraves para a existência de momentos coletivos e de dificuldades no movimento do espaço escolar para o lúdico.

É claramente perceptível que se prioriza mais a construção de salas de aula, deixando o espaço destinado ao lazer comprometido. Isso se reflete no número de eventos coletivos, os quais são bastante reduzidos, prejudicando a inter-relação dos alunos que estudam em turmas diferentes e influenciando o pouco convívio social dentro da instituição. O que impede também que haja mais eventos onde pais, mães e familiares participem das ações da escola.

Verificamos que a sala de aula ainda é palco para a maioria das atividades. Espaços como sala de informática, biblioteca, brinquedoteca e atividade extraclasse não fazem parte do cotidiano da escola de uma maneira permanente, são ambientes explorados de maneira esporádica.

Essas características em relação ao espaço escolar e seus elementos nos remontam a uma educação que guarda ainda muitos resquícios de uma educação vista em meados do século XX. Privilegia-se o aprendizado dentro da sala de aula, ambientes gradeados e horários controlados por sirenes, valorização de alunos fardados e padronizados, associados a uma tentativa de unificar certas ações da comunidade escolar.

Constatamos na nossa pesquisa um ensino de história onde a prioridade é dada para as memórias de um Brasil nacionalista, um ensino baseado em datas comemorativas e com poucas oportunidades onde os alunos possam se expressar e falar das suas vivências, suas experiências e relacionar os conteúdos da disciplina com sua vida cotidiana. A fala do professor, o livro didático e atividades de escuta e escrita ainda são bem presentes em detrimento as memórias locais e vivências dos alunos.

Isso para nós é reflexo de uma política de ampliação da rede de ensino brasileira, onde nos últimos anos estamos vendo esse aumento ser feito sem a devida qualidade que nossos alunos merecem. É a chamada “revolução passiva” denominada por Gramsci (2011) e Werneck Vianna (1997), onde se valoriza uma “pedagogia do consenso” que leva a precarização da educação e o sucateamento da profissão. Onde cada dia que passa se vê o número de alunos apáticos crescendo em sala de aula.

Essa abordagem acaba por limitar o ensino de história a fatos que remontam a chegada dos portugueses no Brasil, sua relação com os índios e os eventos relacionados a escravidão dos africanos em nosso país. Esses conteúdos permeiam de uma maneira tão forte as memórias dos alunos, que em todas as rodas de conversa realizadas estes assuntos são lembrados e lembrados por todos eles. Constatando-se que depois dos cinco anos do ensino fundamental são esses mesmos temas que serão abordadas nos anos subsequentes de ensino.

Palavras-chave: Ensino de história, cultura escolar, memória.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). **História na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do profissional de História e a realidade do ensino**. Caderno Cedes, n. 8. 1987.

FONSECA, Selva Guimarães. Como nos tornamos professores de história: a formação inicial e continuada. In: **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas: Papyrus, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de História da Educação n°1 jan./jun. Campinas, 2001.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. **Revista História & Ensino**, Londrina, v.9, p.9-35, out.2003.

NADAI, Elza. O ensino de história e a “pedagogia do cidadão”. In: **O ensino de história e a criação do fato**/Jaime Pink (org.) -5ª ed. São Paulo: Contexto,1992. – (Coleção Repensando o ensino)

ZAMBONI, Ernesta. **O ensino de história e a construção da identidade**. São Paulo: SEE/Cenp, 1993.